

Nota oficiosa da Confederação Geral do Trabalho

Na hora grave, gravíssima mesmo, que o país atravessa neste momento, a Confederação Geral do Trabalho, que não é de mais repetir—não contribui absolutamente em nada para a actual situação política, procurou reagir contra a mais formidável reacção que nestes últimos tempos se tem verificado em Portugal.

Em frente do militarismo que impõe o seu poder desordenado e homicida a toda uma população absolutamente indefesa, o proletariado—lôra activa dentro duma sociedade em decomposição—pretende legítima e activamente demarcar com clareza uma atitude de franca e aberta rebeldia contra o triunfo das forças retrógradas agora senhoras absolutas da situação.

Com o pronunciamento militar declarou-se-lhe hostil por ter previsto as suas consequências, inevitáveis por parte de quem, a tempo, o desenlace, tornando público o seu aviso solene pela declaração da greve geral revolucionária em princípio contra a provável ditadura militar—resolução suspensa apenas por confiar em que essa solução política não se efectivaria—Confederação Geral do Trabalho, em face dos acontecimentos de ontem resolveu de novo proclamar aquela greve, que sendo um protesto contra a invasão militar sobre uma cidade em estado pacífico, seria também uma resistência à imposição duma ditadura de força.

Mas a polícia interveio, e fê-lo antes de a população operária se poder dar conhecimento da sua resolução. Na hora em que as proclamações deveriam ser distribuídas à população do país foi a casa onde as mesmas foram impressas cercada e apreendida toda a edição.

A noite, quando o Conselho Confederal da C. G. T. estava reunido a apreciar a situação e disposto a tomar resoluções nesta emergência, foi a sede deste organismo invadida pela polícia, armada de carabinas, e intimados os delegados a dissolver a reunião e a abandonar a sede.

A Confederação Geral do Trabalho ficou deste modo privada de comunicar ao proletariado, as suas decisões e este procedeu, portanto, como se tal resolução não houvesse sido tomada, ficando este organismo igualmente impossibilitado de tomar as medidas que as circunstâncias do momento requeriam.

Consumou-se, portanto, uma arbitrariedade, que, se justifica uma medida de defesa por parte dos senhores da situação, também significa o início da repressão contra as manifestações, humanas e justíssimas, da liberdade e do progresso social.

A Confederação Geral do Trabalho não se queixa: Este organismo reconhece, uma vez mais, que só vence, não quem tem razão, mas quem dispõe da força e da mesma usa e abusa.

Mas a C. G. T. declara que, apesar das violências, não desarma, não desarmará. Organismo existente como expressão das necessidades de luta e de reivindicação proletária, ela é também uma manifestação que está integrada no espírito próprio da evolução no terreno económico social. A C. G. T. não existe para atender a um capricho de partido ou de seita; existe, vive, viverá e há-de triunfar a pesar e por cima de todas as violências de quem, seja um partido ou uma classe, que disponha do Poder e use da violência.

Só terá que perecer aquilo que não corresponde nem a necessidades nem a motivos de progresso. Forte, porque atende aos interesses duma população faminta de Pão e de Liberdade, a C. G. T. não abandona o seu posto nem os seus meios.

E' impedida violentamente de usar do seu direito, por quem momentanea e transitoriamente dispõe da força?

Contra a tentativa de retorno a um passado que os coríneos da causa monárquica persistem em fazer reviver pela força das armas e da traição;

Contra todas as ditaduras, civis ou militares, impostas em nome dum falso e traiçoeiro conceito de regeneração nacional;

Contra a imposição duma política favorável às «coteries» da finança, do comércio, da indústria e da agricultura, que mantém todo um povo na sujeição às suas negras ambições de riqueza, pelo exercício de um domínio absoluto no terreno económico;

Contra uma política reacçãoária e ultramontana de envilecimento popular, pela promulgação de medidas governamentais que permitem o recrudescimento do fanatismo das massas ignoras;

Contra a infiltração efectiva e crescente do ensino religioso nas escolas, deformando os sentimentos infantis e desviando, torcendo e deprimindo os cérebros frágeis das crianças, criando eunucos, castrados

Se não forem entregues à província os quatro mil contos que lhe pertencem, dentro de pouco tempo assistiremos a uma nova tragédia

Cabo Verde, aquela tristíssima província que de 1920 a 1922 viu o seu solo juncado de 15.000 cadáveres, caminha para o mais trágico dos precipícios.

A falta de chuvas que ultimamente se tem feito sentir trouxe para os pobres nativos a mais negra das perspectivas.

Dentro de algumas semanas, se providências não forem tomadas, Cabo Verde será um imenso cemitério dos seus infortunados habitantes.

A fome, de fauces hiantes, espanta os milhares de nativos da vasta região.

Se exceptuarmos as ilhas: Cidade da Praia, São Tiago e Santo Antão, na restante província nada se cultiva.

Os campos apresentam um aspecto desolador. A sua aridez denuncia um negro futuro.

De Cabo Verde há neste momento apenas uma coisa a esperar: a morte pela fome dos seus habitantes!

Em alguns pontos da província lançou-se mão de um recurso: a abertura de vários trabalhos públicos.

Grande número de operários empregam-se nestes trabalhos dos quais auferem alguns tristes escudos com que fazem face às pesadíssimas condições de vida.

Em Cabo Verde, que neste momento vive do que importa, a vida é fortíssima. Por muito que se gane não é possível vencer-se as exigências da vida.

Mas mesmo esses trabalhos, que amenizam o sofrimento dos deserdados, estão na iminência de paralisar. Em Cabo Verde não há recursos financeiros para se conservarem

C. G. T.
Conselho Confederal
Reúne hoje pelas 21 horas o Conselho Confederal.

Emigrantes em bicha
MONTREAL, 18.—Três mil residentes britânicos aguardam o começo do novo ano fiscal, que principia no dia 1 de Julho, que permitirá a sua entrada nos Estados Unidos. A proporção de emigrantes admissível no presente ano está esgotada. A proporção britânica para o novo ano é de 3407, dos quais serão admitidos 10 % em cada mês.—(H.).

O encerramento das Escolas Primárias Superiores causou um grande prejuízo às classes trabalhadoras

afirma-o a "Batalha" a professora D. Maria Gomes de Sousa

A vontade militar, irremediavelmente, dogmatizou não só decretos todas as Escolas Primárias Superiores. A espada do exército, num país em que há militares a mais e professores a menos, em vez de fazer cortes no orçamento da guerra, esquecendo ou desprezando o analfabetismo que grassa no país, numa percentagem vergonhosa, preferiu reduzir uma verba no Ministério da Instrução.

O decreto que as extinguiu não tem «considerações». E os «considerandos» eram indispensáveis, visto que tendo-se, por meio dele, acabado com todas as Escolas Primárias Superiores, proclamariam a sua nocividade ou, pelo menos, a sua inutilidade.

Serão nocivos, serão inúteis os estabelecimentos de ensino encerrados de afogadilho por um decreto lacónico?

Embora sobre isso tenhamos já em tempos formado a nossa opinião, resolvemos ouvir alguém que, pela sua competência, pudesse exprimir com a indispensável autoridade profissional uma opinião concreta.

Pessoa amiga nos indicou a sr.ª D. Maria Gomes de Sousa, professora e vogal do conselho administrativo das Escolas Primárias Superiores, que se prestou, amavelmente, a expor-nos com clareza e em frases sintéticas a sua opinião.

Foi deste teor a primeira interrogação que formulámos:

—O objectivo principal das Escolas Primárias Superiores?

—Formar-se para efectivar a preparação, para a vida prática, das classes pobres e, consentâneas com o fim que alvejavam, as matrículas eram insofismavelmente gratuitas.

—De modo que a sua supressão...

—...constitui, na minha opinião, a negação, pura e simples, do direito à instrução para as classes pobres, que ficarão reduzidas ao que aprenderam nas escolas primárias gerais.

—Os cursos liceais são, como sabe, inacessíveis aos operários, por serem dispendiosíssimos e têm, além disso, um carácter mais literário do que prático.

—E têm cumprido o seu objectivo?

—Inteiramente, não, e por razões que lhe passo a expor. Quero, porém, apontar como uma das causas principais delas não terem cumprido a vontade, a guerra surda que lhes tem sido movida de vários lados.

—Do Terreiro do Paço.

—Sim também do Terreiro do Paço, onde por vezes a perseguição a essas escolas era o *mot-d'ordre* do ministério da Instrução.

—A má vontade vinda daqueles lados se nos não quebrou todos os esforços e não assassinou toda a energia — é porque existem nas referidas escolas criaturas que lhes são devotas até ao fanatismo.

—Se quizesse exemplificar...

—De bom grado. Na Escola Primária João de Deus quis formar-se um curso prático, e nocturno, para habilitação do pessoal de serviços ferroviários e de em-

Influência da Educação na vida psicológica do homem

Disse Tolstói que «o homem responsável não pode viver somente para o seu corpo. Não pode viver assim, porque, sabendo que é uma individualidade e que os outros, tal como ele, são também individualidades, conhece o resultado destas entre si».

Porque é enorme e importante, a soma das responsabilidades que temos na felicidade dos nossos filhos, na tranquilidade da família, no progresso da sociedade e no aperfeiçoamento da raça, deve merecer a todos nós primordial atenção o assunto que me propuz versar ante tão ilustrada assistência.

Os variadíssimos problemas que gravitam em torno do problema magno da Educação deviam ser a preocupação constante não só dos dirigentes, mas também do educador — no lar e fora do lar.

Não se trata apenas de conservar a vida vegetal da criança, da sua alimentação, do seu vestuário, do seu conforto, para cuja satisfação se recorre freqüentemente — e quase nunca em vão — à caridade pública.

A cultura do espírito e a formação do carácter desses pequeninos seres — que são a continuação do passado e a perpetuação do futuro — deve merecer tanto a nossa atenção e cuidados como a alimentação do seu corpo.

E' que não devemos só protecção à criança, devemos-lhe também respeito. Se ela revela tendências criminosas, temos o grande dever de modificar o seu temperamento, eliminando-as ou, pelo menos, corrigindo-as.

Como? Educando!

Se nos dilacerar um pequerrucho esmoreado, que, de olhos húmidos, nos implora «um bocadinho de pão» com mãozinha descarnada, não nos deve comover menos um miserável homem, vítima da sua doença e da sua própria ignorância, sem disposição nem qualidades para o trabalho, incapaz de sustentar-se a si e à sua prole, outros entes sem pão. Se nos comove até às lágrimas a dor e o sofrimento logo no alvorecer de uma vida, qual botão de rosa caridozido pelos vermes, não menos nos deve comover a precocidade do vício e do crime nesses malditos seres para quem apenas existe o mal através de tudo que vemos e os cerca.

Abram-se maternidades, creches e asilos, mas abram-se também jardins-escolas e escolas infantis. Fechem-se as tabernas, as casas de jogo e os lupanares, mas abram-se escolas nocturnas para os adultos, promovam-se conferências, eduquem-se o povo — essa grande criança que ri e chora com o próprio sofrimento, que vibra em todas as gamas da escala da dor, que se estorce entre as garras do monstro que o aperta, o sufoca, o mira: a ignorância!

O povo! Mas quem é o povo, meus senhores?

Somos todos nós! Não é só a classe proletária que, por ser menos abastada, sofre mais. Perde-se já do rol dos tempos a diferenciação entre os três estados que constituíam a nação: clero, nobreza e povo. Desapareceu também já o conceito erróneo de que certas camadas sociais deviam ter a mercê da instrução. A educação, a instrução — que vulgarmente se designa por «alimentação do espírito» — é tão necessária aos ricos como aos menos abastados. Se assim não fôr, um povo rico seria um povo feliz. Mero absurdo! Serão, porventura, os ricos, mais venturosos que os pobres? Puro engano! Não são os recursos materiais que nos distinguem uns dos outros, mas sim a educação moral e intelectual. E' tanto para lamentar o ignorante como o esmoreado. Este sofre as contrações do estomago, aquele as contrações do meio social, que também o comprime nas duas partes do destino. O progenitor de filhos sãos, pobre, muito embora, é mais feliz do que o abastado que vê na sua prole o estigma da sua mocidade corrupta.

Todos os males que devastam a sociedade...

Se os acontecimentos não dão margem a largo noticiário. A situação parece estacionária.

As arcadas do Terreiro do Paço encontram-se ainda ocupadas por forças militares, tendo sido muito abundantes as medidas de rigor. Contudo, não era permitida a entrada nos ministérios a pessoas estranhas ao serviço das repartições e secretarias, e nestas últimas apenas compareceram os ministros militares.

O dr. Mendes dos Remedios apresentou ontem a sua demissão de ministro da Instrução.

Durante o dia diligenciou-se completar a organização do ministério. Dizia-se que se pensara num convite ao sr. Filomeno da Câmara para assumir a pasta do Interior. Desistiu-se, porém, de o nomear por motivo de os oficiais da Armada, em grande número, terem feito uma oposição quasi intransigente.

O dr. Ricardo Jorge, professor da Faculdade de Ciências, foi convidado para tomar conta da pasta da Instrução. Aceitou.

O comandante Ochôa, que não foi a princípio incluído no ministério militar, foi convidado para o cargo de ministro das Colónias. Também aceitou.

Ambos devem tomar hoje posse dos seus cargos.

Para as funções de ministro do Interior foi convidado, finalmente, o sr. António Claro, tendo ontem tomado posse.

A cerimónia foi rápida, tendo-lhe dado posse o sr. general Gomes da Costa que fez o elogio do novo ministro, relembrando o seu passado de republicano, e dizendo que o seu nome constitui uma garantia de imparcialidade na pasta do Interior que veste, neste momento, uma importância excepcional.

Agradeceu, é claro, o sr. António Claro. E assim findou a cerimónia.

O novo governo inicia a sua existência. Um decreto, pela 6.ª Direcção da Contabilidade Pública, abre um crédito especial de 500 contos a favor do ministério da Marinha para reforçar a verba de despesa extraordinária deste ministério, e destinado

ao pagamento de melhorias a todo o pessoal militar e civil do mesmo. Tem o visto do Conselho Superior de Finanças, mas anula igual quantia incluída na dotação do ministério da Guerra.

O sr. Ferreira do Amaral deixa a polícia

No Governo Civil, nada se passou de anormal durante o dia de ontem.

A P. S. P. encontra-se de prevenção, por quartéis, estando já normalizados todos os serviços das repartições da P. I. C. e da polícia administrativa.

A's 14 horas, saiu do Governo Civil uma força de 10 guardas e um cabo, que foi fazer serviço no ministério das Colónias, como medida de prevenção.

A prevenção policial tornou-se rigorosa a partir da uma hora da madrugada. O tenente-coronel Ferreira do Amaral, que assumiu nos acontecimentos uma atitude notória de oposição a certos desígnios, demitiu-se do seu cargo de comandante da polícia civil. Foi substituído pelo capitão Aníbal Franco, que tomou parte activa no movimento militar.

Os oficiais da polícia também se demitiram, acompanhando o seu comandante. Um dos oficiais que vão substituí-los, ao que consta, é o tenente Murias, que comandava a força de infantaria da G. N. R. que, há poucos anos, travou encarnado combate com a polícia, no Parque Eduardo VII.

Um grande espírito «liberal»

O tenente sr. Pinto Correia, ajudante do general presidente do ministério, tem opiniões dum intenso «liberalismo» como estas que, para elucidação dos leitores, reproduzimos da mesma maneira como ele formulou para A Tarde.

«Consta que o novo governo pensa em estabelecer em Portugal a pena de Morte?...

«Não sei. Mas, o que é facto e disse, deve toda a gente estar convencida, é que os outros não têm o direito de matar. Su põnhá que alguém pensa em assassinar

Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

NOTA OFICIOSA

Em conformidade com as resoluções da Confederação Geral do Trabalho, resultantes de factores de ordem ponderável, a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa resolveu suspender a greve geral nesta localidade.

Reconhecendo, porém, a Câmara Sindical do Trabalho, bem como a C. G. T., que os motivos que originaram a declaração da greve geral não desapareceram, o Comité Revolucionário de Defesa Social aconselha o proletariado de Lisboa a conservar-se atento às resoluções da C. S. T. e C. G. T., preparando-se para, oportunamente, se lançar num movimento nacional verdadeiramente enérgico, disposto a não permitir que as liberdades e regalias lhe sejam arrebatadas pelas garras aduncas do capitalismo e da reacção.

O Comité Revolucionário de Defesa Social

...enfim, qualquer pessoa. Nós não devemos também ter medidas energéticas? Usaremos de todas as parças para garantir a vida do próximo.

—E o processo sumário?
—Vamos a ver... É necessária a intervenção militar nos destinos do país. Estabeleceu-se a ditadura e agora vamos trabalhar até onde puder. A República jogou a sua última carta!...

Os bem intencionados...

Monárquicos integralistas que aderem à República

Transcrevemos do jornal *A Noite*.
«Um político monárquico, de relevo, esclarece-nos quanto à notícia vinda a público de que certos elementos realistas vão ingressar na República. Achemos excelente que assim seja, desde que o anseio a ideia sincera de servir o regime. Vim-lo dizendo, desde o alvorecer do nosso partido. Perguntámos ao político, em questão: Entre esses monárquicos há nomes dignos de registro especial?»

—Há. Os srs. Martinho Nobre de Melo, Pequeto Rebelo, Reis Torgal e Hipólito Raposo, por exemplo.
—Pelo que vemos, integralistas.
—Todos. São realmente os integralistas os novos aderentes. Mas nem todos seguem esta orientação política.

—E constitucionalistas?
—Ao que parece nenhum seguirá este caminho; pelo menos não tenho indícios disso.

O sr. Martinho Nobre de Melo vai justificar numa conferência pública, a sua recente atitude.
Estas adesões recordam-nos o instinto peculiar das corujas que vão instalar-se nos telhados das casas onde agoniza um moribundo.

Lembra-nos também, não sabemos a que propósito, que Augusto Gomes teve necessidade de afirmar a sua amizade por Maria Alves—a fim de poder, com mais facilidade e impunidade, estrangulá-la.

A atitude do chefe da União Liberal Republicana

Passamos a reproduzir a carta que o sr. Cunha Leal endereçou ao comandante Cabeçadas, quando este já tinha sido irradiado do governo que chefiava pelos seus mais graduados companheiros da revolução que, sem um único tiro, expulsou do poder o governo de António Maria da Silva, pelo facto deste exercer uma ditadura—o que é contrário ao espírito sagadamente liberal da população do país. É um documento bastante claro e expressivo:

Meu caro Cabeçadas

Lisboa, 17-6-926 (às 12 horas).

Como vencedor, o senhor não me interessava; mas como vencido, ou prestes a sê-lo, interessa-me sobremaneira.

A calúnia, que rasteja sempre nesta terra, fez de mim o seu inspirador político nestes últimos tempos.

Melhor do que ninguém sabe o Cabeçadas que isto não é verdade e que, pelo contrário, discordo de quasi todos os seus actos políticos, e da sua quasi timidez em se exercer de antigos amigos que, com certeza, se fossem cuvidos, se esqueceriam dos seus interesses partidários, para só se lembrarem dos interesses da Pátria e da República, servidos por si.

Sucede, porém, que neste momento pretendo, meu caro Cabeçadas, alijá-lo pela violência. E, instintivamente, eu sinto que a si está agarrada qualquer coisa da própria República.

Menos do que a minha inteligência, fala em mim o próprio instinto. Como republicano tenho, pois, o Dever de o aconselhar, agora e publicamente.

O senhor não tem o direito de se deixar vencer e prender, como qualquer pobre diabo.

O senhor é o portador de uma ideia, e as ideias são de uma tirania devoradora e exigente.

Se tudo conspira contra si, ainda assim, o seu dever é resistir.

Se se encontrar sózinho—e só se encontrará se o quiser—ainda assim o seu Dever é resistir.

Que o sintam todos os republicanos que, porventura, o deixaram abandonado.

Só assim o Cabeçadas passará a ser um símbolo.

Por que lhe dou este conselho, venho oferecer-me para ficar a seu lado até ao fim.

Fui capitão do Exército Português, mas hoje já não sei, nem quero comandar soldados.

Sei, em todo o caso, ser um soldado, e um soldado que não desertará do seu posto, mercê de Deus.

Utilize esse soldado.

E meu direito pedir-lhe isto e é seu dever aceitá-lo.

Sei que não triunfa mas descanse que, se vencer, nada lhe pedirei.

Mande as suas ordens para o jornal *A Noite* até à tarde, E, durante a noite, dê-me as suas ordens para o Avenida Palace, onde os esbirros do sr. Filomeno da Câmara me poderão encontrar, se o Cabeçadas não quiser utilizar os meus serviços.

Abraço o enternecidamente o seu muito amigo e obrigado

Cunha Leal

P. S.—Vou publicar esta carta.—C. L.

Passamos a reproduzir a carta em que o mesmo político pede ao general Gomes da Costa a sua demissão de oficial do exército:

«Ex.^{mo} Sr. ministro da Guerra: Francisco Pinto da Cunha Leal ocupa no exército português o posto de capitão da arma de engenharia.

Está na situação de licença ilimitada. Tendo reconhecido que o exército, neste momento, é vítima de intrigas políticas, contra as quais é ineficaz a acção do requerente, e não desejando, por isso, continuar a pertencer aos quadros do exército, atentas as condições em que este hoje se encontra, respectivamente pede a V. Ex.^a se digna conceder-lhe a sua demissão de oficial.

Lisboa, 17 de Junho de 1926, (a) Francisco Pinto da Cunha Leal.

A suspensão de garantias

Segundo informações de fonte officiosa, continua o estado de sítio e a suspensão de garantias determinada pelo general Gomes da Costa. Contudo, o trânsito nas ruas é livre, dia e noite.

A atitude dos socialistas

A Confederação Nacional do Partido Socialista Português, a propósito dos últimos acontecimentos políticos, mantém a sua nota de 1.º de corrente, entendendo que nada tem a alterar na atitude que a mesma define. Recomenda a todos os seus filiados que se abstenham de corresponder a quaisquer sugestões, partam de onde partirem, que os levem a assumir atitudes que possam reflectir-se...

A CRISE POLITICA EM FRANÇA

As tentativas do sr. Herriot

PARIS, 18.—O sr. Doumergue encarregou o sr. Herriot de formar o novo gabinete, o que foi aceite em princípio, ficando o sr. Herriot de dar esta noite a resposta definitiva.

O sr. Herriot vai procurar saber se encontrará nos partidos do centro o necessário apoio, contando com o apoio dos socialistas mediante certas concessões.

O sr. Herriot parece ter obtido a adesão do sr. Bokanewski para a pasta das finanças, citando-se como possíveis ministros os srs. Flaudin, Gohier, Le Troquer e Leygues. —(L.)

As palavras do sr. Poincaré

PARIS, 18.—O sr. Poincaré conferenciou esta manhã com o sr. Briand, e reconheceu as suas consultas para a formação do novo ministério, depois da recusa do sr. Herriot, o que impede a formação dum governo da união nacional.

Interrogado pelos jornalistas, à saída da conferência, o sr. Poincaré recusou-se a fazer quaisquer declarações. —(L.)

A renúncia do sr. Briand

PARIS, 18.—Tendo os radicais-socialistas deliberado por unanimidade, excepto o voto do sr. Franklin Bouillon e algumas abstenções, que o sr. Herriot declinasse a entrada num gabinete do qual não seria o presidente, o presidente da câmara comunicou ao sr. Briand a recusa da sua colaboração.

Depois de várias conferências, o sr. Briand reconheceu irrealizável a combinação ministerial de que fora encarregado pelo sr. Doumergue, ao qual apresentou a renúncia do encargo que lhe fora confiado. —(L.)

DESPORTOS

Futebol

Realizam-se amanhã, no campo de jogos do Operário Foot-Bal, os seguintes desportos:

Às 10 horas, Operário Foot-Bal Club, contra Asilo D. Maria Pia Sport Club, em 3.ª categoria; às 12 horas, Operário Foot-Bal Club, contra Sporting C. Intendente, em 2.ª categoria; às 14 horas, Sporting Club Intendente contra S. C. Recreativo da Pena em 1.ª categoria; às 16 horas, Vitória Foot-Bal Club em 2.ª categoria, contra a 1.ª categoria do União Almadense, para disputa da taça Alvaro Cisseiros; às 18 horas, Operário Foot-Bal Club contra Carcavelinhos Foot-Bal Club em 1.ª categoria para disputa da taça Joaquim de Matos.

Uma viagem aérea

LONDRES, 18.—O grande piloto Elan Cobam espera iniciar o seu voo à Austrália na próxima semana. —(L.)

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço 1350.

Uma grande festa de gymnastas

PRAGA, 17.—A grande festa federal dos gymnastas tchecoslovacos será inaugurada em 28 de Junho, sendo aguardados para nela participarem delegações dos países eslavos e de várias nações. Esta festa, que terá um carácter imponente, durará até ao dia 6 de Julho, e será para a Tchecoslováquia o que eram as olimpiadas para Atenas. —(H.)



Do estatuto confederal

CAPÍTULO I
DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º—A Confederação Geral do Trabalho constituir-se com os seguintes objectivos:
1.º—O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º—Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarizado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º—Manter as mais estreitas relações de solidariedade com os Centrais dos outros países, para a defesa da luta comum, intelectual, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

4.º—Mantendo-se no P. S. P., sem consulta dos Corpos directivos e que aguardem a realização do próximo Congresso Partidário, onde se fixará publicamente o pensamento dos socialistas sobre a actual crise política nacional.

Várias notícias

Os revolucionários de Almada embarcaram já para a metrópole, a bordo do vapor «Lima».

O general Correia Barreto foi substituído, no cargo de director, da Arsenal do Exército, pelo coronel Guilherme Gonzaga.

O general Roberto Baptista, comandante da 3.ª Divisão, comunicou ao ministro da Guerra que tanto as unidades que estão sob as suas ordens como a G. N. R. e a Guarda Fiscal daquela cidade se mantêm ao lado do governo.

A RELIGIÃO CATOLICA

Quem, a princípio, examinar essa seita nefasta que compreende a religião católica, parece encontrar-lhe algo de razão na vontade que tem de predominar nos povos; isto, devido à complexidade das suas doutrinas, estrutura e mitologia de que está revestida; mas, mesmo sem sermos cultos e não conhecermos as várias origens que lhe são atribuídas, chegamos com relativa facilidade à conclusão de que se há tantos séculos tem conseguido dominar nos povos, é devido — e só a isso — a basear-se na ignorância dos mesmos povos.

E como diz o filósofo: «as religiões são como os pirilampos; precisam das trevas para dar luz».

Hoje, como há quinhentos, como há mil anos, os homens (?) de roupa só têm em mira fabricar ignorantes, para poderem sobrepor-se à onda purificadora que tem em vista exterminá-los. Felizmente, já se constata da parte daqueles que eram (e são) explorados por padres e capitalistas, nos laivos de revolta — que mais se intensificaria se esses que são contra os *fariseus de roupa* se agrupassem, e, como um só homem, lhes fizessem guerra sem quartel, impedindo que suas companheiras e seus filhos frequentem esse antro de prostituição moral e material que é a igreja.

Só impedir que os entes que nos são queridos vão a esse antro da noite, não basta. É necessário conferências onde se derrame luz a jorros, onde se reitem os propagadores da escravidão e submissão dos pequenos perante o capital, a virem expor as suas falsas doutrinas para serem combatidas com argumentos sólidos fornecidos pela ciência, cujos cultores levam vidas inteiras a lutar para que a humanidade se liberte das peias com que a têm manietado.

As classes laboriosas são aquelas que mais têm que combater esses missionários da mentira, porque é precisamente nos seus lares que eles pretendem entrar para estabelecer a confusão incitando as esposas a desrespeitarem os maridos, deixando-se guiar pelas suas artimanhas dizendo-lhes «que só eles garantem a salvação».

Infelizmente, ainda se encontra uma grande parte de trabalhadores agarrados à tradição dos dogmas católicos, sem quererem ver que os defensores de tais dogmas só uma coisa têm em vista: pregar o respeito ao rico embora este seja um tratante, um estúpido; fazendo por esquecer as doutrinas de Cristo nas quais dizem basear-se a religião que propagam, quando essas doutrinas sublimas são a negação absoluta da nefasta propaganda que esses corvos negros incutem às massas.

Cristo disse: «não vos importeis com o dia de amanhã, que o vosso pai olhará por vós» — Quem me quiser seguir abandone todas as honrarias, todas as riquezas — «E' mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que salvar-se um rico».

E como vês, o autor de tais máximas é vilmente insultado por esses que o invocam, para lançar na miséria e na ignorância as massas operárias.

Já vistes esses falsos cristãos não olhar pelo dia de amanhã? Já vistes, os que vivem à custa do trabalho doutrem abandonarem as riquezas que têm acumulado, embora se digam fiéis cristãos?

Não! E porque eles o não fazem, é que lhes é aplicada a máxima: «é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que salvar-se um rico».

O padre e o capitalista são duas potências que se entendem admiravelmente; e que caminhando de braço dado, uma coisa os preocupa — dominar. O padre pregando a submissão e a ignorância do alto dos pulpitos e os recantos bafios das sacristias; e o capitalista exercendo a violência, a corrupção, o suborno; enfim, numa palavra, a prepotência que lhe dá o poder do dinheiro nesta sociedade nefasta e cancerosa, da qual esvurma púcu fétido já vai chegando às narinas desses que nela, quais reis da século oitavo, imperam.

Que todos aqueles que reconhecem quanto nefasta e prejudicial é essa seita maldita se unam para o combate final, e do nosso desejo de homens conscientes e livres.

(De Aurora)

De Tóquio a Copenhague

PEQUIN, 18.—O aviador Dinamarquês Botved, regressando de Tóquio a Copenhague, chegou ontem de manhã a Han-chui. (H.)

Irridentismo bélico

SANTIAGO DO CHILE, 18.—O governo deliberou reocupar militarmente o território contestado das províncias de Tacha e Arica. —(L.)

Por ver as barbas do vizinho a arder

BRUXELAS, 18.—Os proprietários das minas concederam um aumento de cinco por cento nos salários dos mineiros, estando assim afastado o perigo da greve que os segundos ameaçavam declarar. —(L.)

Lê a revista gráfica RENOVAÇÃO

OS MISTERIOS DO POVO

(Em publicação)

Grande Romance histórico desde as primeiras idades à Revolução Francesa

— POR —

EUGENE SUE

Constituindo uma optima coleção dos grandes acontecimentos da humanidade, dividida em períodos históricos distintos, em volumes profusamente ilustrados e artisticamente encadernados.

I — O Carro da Morte
II — O Carpinteiro da Nazaré
III — A Mãe dos Acampamentos
IV — Ronan, o Vagabundo
V — As Filhas de Carlos Magno
VI — As Cruzadas

VII — A Jacquerie
VIII — Joana de Arc
IX — Os Jesuítas
X — Os Vingadores de Isabel
XI — A Revolta dos Camponeses
XII — A Revolução Francesa

já se encontram publicados até ao IX volume e encadernados até ao IV

PREÇO DE ASSINATURA:

Em séries de 10 tomos a 32 páginas

Cada série 5\$00
à cobrança, pelo correio..... 6\$00
Volumes encadernados, cada 10\$00
à cobrança, pelo correio..... 11\$00

Capas soltas e respectiva encadernação, cada volume 4\$00

Pedidos à Administração de *A Batalha*

"Hora de Arte"

Um festival em seu benefício no teatro S. Carlos

Como noticiámos, é hoje que tem lugar, pelas 21 horas, no teatro de S. Carlos, um festival em benefício da «Hora de Arte», instituição educativa destinada aos operários de Lisboa.

O programa é o seguinte:

1.ª Parte — 1. Palestra: «O nome português», pelo sr. Aires de Ornelas. — 2. a) Adágio, Tardini; b) Minuetos, Romeau. Orquestra: — 3. a) Recit. e Aria de «Cleopatra»; b) Recit. e Aria de «Sersse», Haendel. Canto e orquestra (D. Marina Demander Gabriel). — 4. Recitação: a) O Luar, b) Primavera, c) O Vira. D. Maria Magdalena de Martel Pêro; pela autora; ao piano: D. Elisa Baptista de Sousa Pedrosos. — 5. Leitura: «A Vênus de ontem, a de hoje, a de amanhã», dr. Sousa Costa, pelo autor. — 6. Moteto: «O glorioso Virgínio»; corno e orquestra.

2.ª parte — 1. Palestra: «A mulher e o ciúme», pelo sr. dr. Agostinho de Campos. — 2. a) Andante (da op. 11), P. Tschaiowski; b) Pavane, Autor Desconhecido. Orquestra. — 9. Poesias infantis, Augusto de Santa Rita, pelo autor. — 10. «Trovas» (do Povo — pelo Povo), Francisco de Lacerda. (1.ª audição) piano e canto, D. Berta Borges, D. Corina Freire, D. Marina D. Gabriel e o autor. — 11. Scenas infantis, música de R. Schumann e versos de Afonso Lopes Vieira. Recitante: D. Mafalda Gomes, ao piano: Varela Cid. — 12. Canções populares (Acores), República, Portugal (Continente e Açores), República, Cora e orquestra.

Os operários que desejem assistir a esta festa de arte, cujo produto se destina à instituição promotora, podem adquirir os bilhetes, ao preço de 2550, na bilheteira do teatro, mediante a apresentação dum cartão carimbado pela administração do nosso jornal.

Uma assembleia geral...

LONDRES, 18.—Segundo o «Daily Telegraph» terão dentro em breve início negociações entre os gabinetes de Londres, Paris, Washington, Madrid e Roma sobre a revisão do Estatuto de Tanger. —(L.)

Defendendo a bolsa

PARIS, 18.—Foi constituída uma federação dos económicos, tendo por fim defender as suas economias contra os abusos fiscais e os erros do parlamento. Entre os fundadores figuram: representantes qualificados de todas as profissões nacionais. —(L.)

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de *A Batalha*. Aquele camarada fixou o preço de 15500.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

Uma nova sonda electrica

CHERBOURG, 18.—O *Pontreux Pas*, comandado pelo grande explorador Charcot, parte em breve para uma missão científica na qual será utilizada a nova sonda electrica que pode atingir fundos de 7.000 metros. —(L.)

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki
Como se forja um Mundo Nuevo . 6500
Cuentos de Italia . 6100
La vida de un Hombre incesario . 6500

Wladimiro Korolenko
El Imperio de La Muerte . 6500
Dr. G. Feydoux
La vida tragica de los Trabajadores . 10500

Jean Masestan
La Educacion Sexual . 10500
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad . 9500

E. Reclus
La Montaña . 6500
El Arroyo . 6000

Octavio Mirbeau
El Calvario . 6500
P. Krapotkine
La etica, la revolucion y el Estado . 6500

Luis Fabbi
Critica revolucionaria . 6500
H. Malatesta
Ideario . 6500

F. Dostoyevsky
Los Hermanos Karamazov . 9500

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom numero de escritores revolucionários — Preço 10500

Pedidos à administração de *A BATALHA*

Vila Nova de Gaia

A crise de trabalho

VILA NOVA DE GAIA, 16.—Continua a sentir-se, enormemente, nesta localidade, a crise de trabalho.

A classe dos tãncieiros é, incontestavelmente, uma das que têm sido mais duramente atingidas. Muitas oficinas encontram-se fechadas; umas devido à desmida inconsciência dos industriais que não os satisfazendo ganhar pouco preferiram encerrar as suas oficinas e outras devido à situação criada pelos exportadores e pelos governantes que têm despedido as justas reclamações dos operários tãncieiros.

Muito tempo que os operários tãncieiros reclamaram dos governos a proibição da reimportação do vasilhame de torna viagem, medida esta que vinha acabar com a crise de trabalho, desenvolver a indústria e beneficiar bastante o próprio Estado.

Mas, como era de esperar, os governos não se importaram com a miséria em que ficavam milhares de operários.

Os operários travaram uma luta heroica que está na memória de todos, mas que não conseguiu esmagar o egoísmo dos exportadores ingleses, auxiliados pelas autoridades e pela sanha feroz da policia e da G. N. R. e a indiferença criminosíssima dos governos.

A crise na construção civil é também temerosa: milhares de operários são por ela atingidos. A crise nesta classe seria atenuada se a Câmara Municipal o tivesse querido. Podiam realizar-se bastantes obras, mas o município preferiu dormir e voltar-se para o outro lado... E os operários que estoirem de fome...

A crise de trabalho na indústria corticeira é quasi total: as fabricas estão, na sua grande maioria, encerradas.

Algumas que ainda funcionam ameaçam paralisar dentro em breve, devido à ganancia dos industriais.

Na fabrica Calheiros, que os leitores devem ter de memória, obrigam-se os caldeirões e raspadores a trabalhar dia e noite.

Onde estão os famosos fiscaes do horário de trabalho?

Renovação

Revista Grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço rec. 1.50

A sorte de Abd-el-Krim

PARIS, 18.—Pela conferência marroquina franco-espanhola foi deliberado que Abd-el-Krim seja deportado e rigorosamente vigiado, e de forma alguma tratado como um sultão destronado. —(L.)

TEATRO S. LUIZ — Telef. T. 224

— HOJE —

A's nove da noite em ponto

A INTERESSANTE COMEDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

PELA COMPANHIA:

Luzilla Simões-Beira Braga

Completo o espectáculo a BLUETTE

um prologo, um acto e três quadros, original de ERICO BRIDON

musical por H. COELHO, intitulada

Papo-sêco

Contratados expressamente para esta BLUETTE a bailarina ALEXIANE

JAZZ BAND

O mais animado espectáculo

14 numeros de musica

Bailados graciosos e

O mais surpreendente e fantástico espectáculo

actualmente em scena

Marco fontenário

AGENDA

CALENDÁRIO DE JUNHO

D.	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																										
T.																										
Q.																										
S.																										
S.																										

MARES DE HOJE

Frisamar às 9,28 e às 10,01
Baixamar às 2,26 e às 2,58

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid cheque		3\$15
Paris, cheque		\$50
Suica, cheque		3\$78
Bruxelas cheque		\$57
New-York, cheque		19\$55
Amsterdão, cheque		7\$85
Itália, cheque		\$71,5
Brasil, cheque		\$305
Praga, cheque		\$58
Suécia, cheque		\$524
Austria, cheque		\$277
Berlim, cheque		\$466

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São Julião.—A's 21.—«O Homem das 5 Horas» — «Papo Seco».
Gimnasio.—A's 21,45.—«O celebre Pina».
Teatro.—A's 21,45.—«O Santo Antonio».
Trindade.—A's 21.—«C'est Paris».
Ester.—A's 20,45 e 22,45.—«Fox-Trot».
Teatrinha.—A's 21,45.—«O Dr. da Mala Ruça».
Sala São.—A's 21.—«Variedades».
Cinema Elvira (a Graça).—Espectáculos às 3,45 e 5,45.—«sábados e domingos com ematines».
Teatrinha Parque.—Todas as noites. Concertos: di. verões.
CINEMAS
Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chilão Ter. rano.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tertiois.—Cine Paris.

PEDRAS "METAL AUER"
PARA ISQUEIROS
VENDE-SE NO LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40; 100, \$280; mil, \$2500
Pedra grande, duzia, \$80

LIMAS NACIONAIS

São grande defeito de propaganda temendo lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca "União" da Limas Nacionais, Ltd., rivalizam em qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as "União" limas que se encontram à venda em todas as lojas de artigos de ferragem da pátria.

MELINA

É O MELHOR

MATA FORMIGAS

A' venda em toda a parte

DEPÓSITO GERAL:

Fernandes Almeida & C.ª, Limit.ª

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.ª—Lisboa

Telef. C. 2422

Agentes no Funchal

ELMÃO S. GOMES

R. do Coronel Cunha, n.º 53

BOTAS

CALÇADO A PREÇO DE REVENDA

E

SECÇÃO DE CHAPELARIA

Tudo barato

Sapatos para senhora desde 45\$00

Botas para homem em vitela preta desde 50\$00

Botas para homem forma da moda cor ou preta 75\$00

Sapatos verniz senhora 60\$00

Sapatos crepe ceilás última moda 5\$

Botas crepe ceilão última moda 5\$

Grande quantidade e variedade de calçado de crianças.

Grande stock de sandálias.

Dá-se um brinde, a quem comprar nesta casa e apresente este anúncio.

Ver os preços de sensação nas nossas montras.

SAPATARIA BRASIL

206, Rua da Madalena, 212

FATOS completos e sobretudos

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos e por medida

batim em tos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A. 2.ª

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Narcizo.—A's 5 horas.
Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vilar.—10 horas.
Rins, vias urinárias.—Dr. Miguel Magalhães.—10 horas.
Pele e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo.—11 e às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff.—8 horas.
Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos.—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira.—12 horas.
Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo.—3 horas.
Doenças das senhas.—Dr. Emílio Paiva.—2 horas.
Doenças das crianças.—Dr. Filipe Mano.—13 horas.
Tratamento de diabetes.—Dr. Ernesto Roma.—5 horas.
Boca e dentes.—Dr. Armando Lima.—10 horas.
Cancro e rádio.—Dr. Cabral de Melo.—4 horas.
Reio X.—Dr. Azeite Salgueiro.—4 horas.
Análises.—Dr. Gabriela Beato.—4 horas.

Policlinica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.ª

TELEF. N. 1200

Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às 10 horas.

Dr. António Monteiro—Clínica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.

Dr. Lourenço Raimundo—Rins e vias urinárias, às 13 h.

Dr. António Fernandes—Medicina geral e doenças nervosas, às 15 h.

Dr. João Saraiva—Doenças dos olhos, às 15 h.

Dr. João de Moraes Sarmiento—Ginecologia e operações, às 16 h.

Dr. Raival Saavedra—Pele, sífilis e pulmões, às 17 h.

Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz e ouvidos, às 15 h.

Análises clínicas, electroterapia, massagem e ginástica médica

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas.....\$50

O sentido em que somos anarquistas.....\$30

A peste religiosa.....\$40

A liberdade.....\$50

A Internacional (música e letra).....\$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos à administração de A Batalha

OS AUTOMOVEIS CITROËN

Que pela sua linha elegante, robustez e economia, se vêem hoje em todo o país, atravessando sem temor as suas piores estradas, são agora apresentados ao público em Lisboa no

SEU NOVO SALÃO DE EXPOSIÇÕES:

AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 44 a 48

Preços dos vários modelos 10 cavalos (68x100)

Torpedo comercial, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo Standard, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo série de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.000\$00
Torpedo especial de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.800\$00
Cabriolet, 3 lugares	Esc. 23.000\$00
Conduite intérieure, 4 lugares	Esc. 25.000\$00
Landaulet, grande luxo, 6 lugares	Esc. 26.500\$00
Landaulet, taximetro, completo, 6 lugares	Esc. 26.000\$00

Todas as "carrosseries" de aço, assentos desmontáveis, "mise-en-marche" eléctrica, e cinco rodas calçadas, com pneus Michelin.

PEDIR CATALOGOS E MAIS DETALHES A:

EDUARDO ROSA, LIMITADA LISBOA

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense

de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5523

Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço reduzido de 50\$ para 30\$ para os que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 p. cento em pacotes de 50 folhetos.
Pedidos à administração de A Batalha

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.ª—R. dos Trezeiros, 125—LISBOA.

A' venda na administração de A Batalha.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

E' bom beber mas... Sabendo o que se bebe Sabendo quanto se bebe

Procurai com confiança qualquer FILIAL da

Empresa Val do Rio J.º

(RECONSTITUIDA)

VINHOS, AZEITES, VINAGRES

OS MELHORES

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES:

RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.ª

Telefone 207 C.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada Pigmalion, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

«IDEARIO»

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:
Doctrina — Crítica Social — Educação Libertária — Tática — Evolução y Revolución — Violência — Libertad y Autoridad — Ensayo de Filosofía — Ideário — Ideia Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Polémicos — Lecturas — Fragmento inédito.

Preço 15\$00—Pelo correio 16\$50

Pedidos à administração de «A BATALHA»

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 18x; pelo correio, registado, 14\$3.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.ª—«La era de la esclavitud»;
- 2.ª—«La rebelión de Espartaco»;
- 3.ª—«Abolición de la esclavitud»;
- 4.ª—«Abolición y Servidumbre»;
- 5.ª—«La revolución de los siervos»;
- 6.ª—«La miseria de los agricultores»;
- 7.ª—«Transformación del Poder Feudal»;
- 8.ª—«El comunismo cristiano»;
- 9.ª—«Los miserables en la Edad Media».

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$33

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

LA NOVELA SOCIAL

LA REDENCION DE PIERROT

E' o título do n.º 8 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$30. Pelo correio \$70.

nhã começo a ter conferências com bispos, agora os que já ontem mandei chamar. A esperança que tenho de vos ver amanhã dispensa-me de ser mais extenso. Domingo hei de dar o salto mortal... Adeus, querida do meu coração, vinde cedo amanhã, pois me parece que há já um ano que vos não vejo. Beijei mil vezes as belas mãos do meu anjo, o colo e a boca da minha querida amante!

São Dinis, 23 de Julho de 1593.

Henrique.

«O salto mortal, era a abjuração, era essa comédia que o astuto gascão ia representar com a sua ccs-tumada habilidade, no domingo, 25 de Julho de 1593. Ele foi, com grande pompa, à basílica de São Dinis, à frente dum numeroso cortejo. As portas estavam fechadas; Henrique IV bateu, e elas abriram-se. Logo à entrada estava o arcebispo de Bourges rodeado de sete bispos e muitos padres. «Quem sois?» perguntou o arcebispo ao bearnês, assim que este poz o pé no templo. — Sou o rei. — Que desejais? — Desejo ser recebido no seio da Igreja católica, apostólica romana. — Ajoelhai, senhor, e fazei a vossa profissão de fé. — E o astuto gascão começou logo a dizer: — Protesto e juro, na presença de Deus todo poderoso, viver e morrer na religião católica, protegê-la e defendê-la contra todos, com perigo do meu sangue e da minha vida, renunciando a todas as heresias contrárias a ela.

Pronunciada esta profissão de fé, o real neófito foi abençoado, comeu uma omeleta, ao que chamam comunhão, a noite assistiu às vespas e ao sermão, e foi terminar este dia para casa da amante, a formosa Gabriella.

Os protestantes tinham de Henrique IV compromissos secretos, em virtude dos quais esperavam, e não sem razão, que a liberdade de consciência seria escrupulosamente respeitada. Contudo, bastantes huguenotes, que punham os deveres da consciência acima

do interesse político, censuraram a nova apostasia do bearnês, graças à qual ele pôde entrar em Paris, ainda assim não sem comprar, por bom preço, as chaves ao conde de Cossé-Brissac, governador em nome da Liga.

A Liga tinha cometido tantos excessos, os parisienses tinham sofrido tanto com a fome e com a guerra, emfim Roma e a Espanha inspiravam tamanha aversão, que Henrique IV foi delirantemente aclamado em Paris.

O núncio do papa e o embaixador de Filipe II puderam sair de Paris, por capitulação.

A entrega de Paris deu lugar à submissão de quasi todas as cidades que aderiram ainda à Liga, submissão que o bearnês teve de pagar por preços exorbitantes, como a do jovem duque de Guise, a do duque d'Almale, e as de vários outros chefes da Liga.

A Companhia de Jesus, o papa e Filipe II, vendo falhar-lhes os seus planos com relação à França, pensaram então em mandar assassinar Henrique IV. A 27 de Novembro, no momento em que Henrique IV entrava em casa de Gabriela d'Estrées, um rapaz de 18 anos, que se tinha misturado ao séquito real, tentou apunhalá-lo, mas apenas o feriu levemente num braço, e foi logo preso. Confessou então chamar-se João Chatel e ser aluno dos jesuitas da rua de São Tiago.

O aluno da companhia de Jesus foi esquartejado, e os mestres, por decreto de 29 de Dezembro, foram intimados a sair de França, no prazo de 15 dias, como corruptores da mocidade, perturbadores do repouso público, etc., etc.

A compra das cidades aderentes à Liga e a submissão dos chefes católicos tinham custado a Henrique IV muito dinheiro e enormes compromissos pecuniários a pagar.

Eis a cópia dum documento escrito pelo próprio punho do bearnês:

«Ao sr. de Lorena, e outros, segundo os nossos

tratados e promessas secretas, 3.766.825 lib.; (1) — ao sr. de Mayenne e outros, 3.580.000 lib.; — ao sr. de Guise, príncipe de Joinville, 3.888.000 lib.; — ao sr. de Nemours, 3.780.000 lib.; — ao sr. de Mercœur, por Blavet, Vendôme e Bretanha, 4.265.530 lib.; — ao sr. de Elboeuf, por Poitiers, 970.000 lib.; — ao sr. de Villars, pela Normandia, 3.477.000 lib.; — ao sr. d'Epemnon, 496.000 lib.; — por Marselha, 406.000 lib.; — ao sr. de Brissac, por Paris, 1.695.400 lib.; — ao sr. de Joyeuse, por Tolosa, 1.470.000 lib.; — ao sr. de la Châtre, por Orleans e Bourges, 898.000 lib.; — ao sr. de Villeroi e seu filho, por Pontoise, 476.000 lib.; — ao sr. de Bois-Dauphin, 670.000 lib.; — ao sr. de Balagny, por Cambrai, 828.000 lib.; — aos srs. de Vitry e Medavid, lib. 380.000; — Vidame d'Amiens, d'Estourmel e outros, por Amiens, Abbeville e Péronne, 1.260.000 lib.; — a Bélin e Jofreville, por Troyes, Nogent, Vitry, Rocroi, Chaumont, 830.000 lib.; — por Vezelay, Maçon, Mailly e praças da Borgonha, 457.000 lib.; — por Montpesat, Montespas e mais cidades da Guyana, 390.000 lib.; — pelos tratados de Lyon, Vienna, Valença, 636.800 lib.; — por Dinan, Baudouin e Revilliers, 34.000 lib.; — Total: — Trinta e dois milhões, cento e quarenta e duas mil libras.»

Para apurar esta soma e ocorrer a outras despesas ainda mais consideráveis, era preciso recorrer a novos impostos. Mas os recursos pecuniários das cidades estavam esgotados pelos roubos de tantos chefes militares.

Senhores absolutos nos logares onde comandavam, estes chefes renovavam os horrores do feudalismo, oprimindo e torturando a gente das cidades e dos campos para lhe arrancar até ao último centil.

Assim, em 1594, Poitou, Saintonge, Marche, Périgord, Agenois e Quercy revoltaram-se a um tempo; os camponeses recusaram-se a pagar os impostos e di-

(1) Libras. Antiga moeda francesa cujo valor era quasi o dos actuais francos. — N. do T.

reitos feudais, e atiraram-se com fúria aos militares, aos agentes do fisco e aos senhores que «comiam, o

pobre povo como dizia Jacques Bonhomme. Henrique IV ordenou aos governadores reais que empregassem a persuasão e que promettessem um breve termo a este estado de coisas, para assim evitar uma nova Jacquerie.

Noutras provincias, os governadores empregaram a força para dispersar os ajuntamentos populares; mas nestas lutas nem sempre foram os rebeldes os vencidos; o povo era já também uma força. Na Guyana e Gascunha, havia reuniões populares de trinta a quarenta mil pessoas, que chegaram a enviar deputações a Henrique IV, para se queixarem dos excessos dos guerreiros e dos senhores; o bearnês prometeu providenciar.

A tentativa de assassinato a que milagrosamente escapara deu a conhecer a Henrique IV o que a seu respeito pensava o partido ultramontano.

Por isso ele praticou um acto politico, nacional e popular, declarando a guerra à Espanha, a 17 de Janeiro de 1595. A 30 de Maio do mesmo ano, em Fontenay-Francaise, ganhava ele uma primeira vitória contra os espanhóis comandados pelo condestável de Castela.

Dentro em pouco, a Borgonha, separou-se da Liga e, no ano seguinte, os duques de Mayenne e Joyeuse, bem como quasi todos os chefes da União, concluíram tratados de paz com Henrique IV, tratados comprados a peso de ouro, como todos os da mesma natureza, de onde se infere que estes católicos devotos, importantes tanto como o catolicismo como o bearnês, só queriam enriquecer, fôsse como fôsse.

A Liga achava-se quasi completamente dissolvida; apenas o duque de Mercœur continuava a luta numa parte da Armorica, para que lhe fôsse comprar a paz...

Em 1598, Henrique IV foi à Bretanha, e, para concluir a pacificação desta provincia, consentiu que



Esbôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Em Berlim tinha visto em 1840 a sua irmã Bárbara que regressava da Itália e que havia estado à cabeceira do leito de morte de Stankevitch. Ali e em Dresden foram-lhe os seus mais íntimos companheiros. Rompeu então os laços com a Rússia e lançou-se na emigração, no desterro, com completa consciência. O governo russo vigiava a sua evolução radical e desejava a sua volta de Dresden à Rússia. Não ocorreu a Bakunine curvar-se e decidiu-se rapidamente por um passo decisivo, dirigindo-se à Suíça, (Janeiro de 1843) a Zurich, com o poeta alemão mais conhecido de então, Georg Herwegh.

Herwegh regressou a Zurich, um ponto central da propaganda literária-política-revolucionária destinada à Alemanha, para onde, também, em 1843, transferiu a sua actividade da Suíça francesa, o comunista alemão Wilhelm Weitling.

Bakunine viu de perto, durante a sua residência em Zurich, (16 de Janeiro até princípios de Junho) a vida política do cantão de Zurich e teve ocasião de perceber todas as suas ilusões político-republicanas, se as tinha ainda. Pelo contacto pessoal com Weitling deu-lhe um olhar também ao comunismo, que apareceu como um factor geral revolucionário, mas que não pôde nunca aceitá-lo por completo, muito embora então e nos anos seguintes até 1843 tivesse amistosamente relações na Suíça e em Paris com alguns comunistas alemães e ocasionalmente ele mesmo se chamou comunista (em uma carta a Reinhold Solger, 14 de Outubro de 1844; algumas cartas a este, a August Becker e a senhora Vogt, até 1847, fazem conhecer mais detalhadamente essas condições).

Bakunina na Suíça

Das declarações suas, então publicadas, são: B. a R. (Bakunine a Ruge, datada, Petersen no lago de Biel, maio de 1843) *Deutsch-französische Jahrbücher* (Paris, 1844) e vários artigos, *Der kommunismus* no *Schweizerischen Republikaner* (Zurich, 2, 6 e 13 de junho de 1843, firmados XXX). Eu creio que há um artigo de Bakunine em

1843, inobservado. Um exame atento a esses artigos demonstraria que Bakunine se comporta, nas declarações que conhecemos dele até então, simpática, crítica e confiantemente com o socialismo. Estes trabalhos defendiam uma causa justa, tinham um objectivo infinitamente precioso, porém, não podiam em si e por si satisfazer as aspirações que apresentavam as ideias e sistemas verdadeiramente libertadores dos homens. Bakunine sentia instintivamente a falta de liberdade e ponderava bem a aceitação completa de alguns desses sistemas.

Pouco antes da prisão de Weitling dirigiu-se ao Este da Suíça e deteve-se em Genebra e em Lausanne e cerca de Nyon; finalmente fez uma excursão alpina a pé que terminou em Berne, onde passou o inverno até Fevereiro de 1844. Essas residências e viagens explicam-se pelas suas relações pessoais; em Zurich conheceu August Toller, o irmão da senhora Vogt de Berne; em Dresden tinha conhecido a senhora Pesenti, uma germano-russa de Riga, que habitava com seu marido, um emigrado italiano, em Prométhéux, cerca de Nyon, e o seu constante amigo, o músico Adolph Reichel, da Prússia Oriental, a quem conheceu em Dresden, tinha ido também a Genebra, fez com ele e com o comunista August Becker a viagem aos Alpes e ficou com ele em Berne para acompanhá-lo, em Fevereiro de 1844, a Bruxelas.

Nesse tempo começou a sua amizade com os filhos da família Vogt, o mais novo dos quais, Adolph, com Adolph Reichel, foram os únicos que estiveram trinta e três anos mais tarde, novamente, em Berne, junto ao seu leito de morte. Teve então lugar também uma triste e desgraçada aventura amorosa, que é quase desconhecida. Entretanto a mão da polícia suíça interveio nas suas relações, quando o conselheiro de estado de Zurich, Bluntschli, fez publicar o seu nome no comunicado oficial que continha as cartas apreendidas a Weitling (21 de Julho de 1843), com o que foi pôsto em acção uma campanha russa de perseguições, até que por fim, em Fevereiro de 1844, Bakunine recebeu ordem do embaixador russo de regressar imediatamente à Rússia. Preferiu transferir-se para Bruxelas.

Uma conquista operária

GENEVA, 18.—Pela conferência internacional de trabalho foi aprovado o novo regulamento sobre o dia de oito horas de trabalho a bordo dos navios. (—L.)

N. R.—Os trabalhadores do mar e dos portos veem há longos meses empenhando-se numa luta que tinha a finalidade de conseguir o regime de oito horas de trabalho normal para todos os serviços da marinha mercante. A reivindicação operária era chamada em quasi todos os países possuidores de marinha de comércio. Em vários desses países, principalmente em França, a reivindicação revestiu-se de aspectos conflituosos, tendo-se declarado inúmeras greves, das quais a maior parte não obteve triunfo, embora as derrotas nunca tivessem sido desastrosas. E tanto assim era que a reivindicação dos trabalhadores marítimos colocava diante da burguesia um problema económico bastante grave. O reconhecimento ora feito pela Repartição Internacional do Trabalho, onde se defende melhor os interesses burgueses que os do operariado, deixa revelar com toda a nitidez a força das classes operárias. Não representa este reconhecimento uma vitória, mas o reconhecimento tácito de um princípio que só os trabalhadores podem fazer triunfar definitivamente.

O preço da carne

Tendo sido publicado num jornal da tarde que a Comissão de Serviço de Abastecimento de Carnes tinha alterado o quantitativo de 1500 para 500 na redução de preço da carne de vaca, pedem-nos para esclarecer que não só se mantém o abastecimento de 1500, como foi resolvido que, a partir do dia 24, a redução do preço fosse de mais 500 em cada quilograma, sendo a diferença para a menos, no custo da carne de vaca, de 1500 e não de 500, como se afirmava no aludido jornal.

Um industrial-carrasco impõe um regime odioso aos operários

Aos corpos gerentes do Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa foi presente uma reclamação contra o industrial José Rodrigues Esteves, que possui uma oficina na rua Luís de Camões, a Santo Amaro.

Este industrial exerce uma perseguição afrentosa sobre os operários que tenham o mau destino de trabalharem na sua oficina. De há tempos, o industrial-carrasco refinou os seus maus instintos, talvez confiado dos desastrosos efeitos de uma longa crise de trabalho.

Sempre que lhe aprás, o carrasco Rodrigues intimou os operários da sua casa a fazer serões, pagando-lhe apenas metade do salário devido. E quando os operários se recusam, são imediatamente despedidos, como ultimamente aconteceu a três serralleiros.

Aos aprendizes, que façam serões, pagam-lhes o salário à hora, forçando-os ainda a trabalhar aos domingos sem lhes pagar salário extraordinário nem o tempo que vá além das oito horas normais.

Se qualquer aprendiz, porque se aborrecia de tão odiosa exploração, falta ao trabalho de domingo, o carrasco castigava-o, primeiramente, com oito dias de suspensão e, à segunda falta, despede-o. Tal é o procedimento deste verdugo.

Para ele nada existe, nem leis, nem regulamentos, nem direitos, a respeitar. O regime imposto aos aprendizes, além de outras consequências odiosas, impede-os de frequentar as escolas que lhes possam ministrar a indispensável educação.

Um aviador em Pequim

PEQUIM, 16.—O aviador francês Pelletier d'Oisy, que está realizando a viagem Paris-Tôquio, chegou a Pequim esta manhã (11).

NO PORTO

Em torno da 3.ª divisão tem-se criado uma atmosfera de suspeição e de reacção

PORTO, 17.—Aparentemente, o Porto parece que se tinha tranquilizado. Mas essa calma espiritual que parecia ter sobrevivido às grandes tempestades do movimento militarista, alterou-se novamente — porque os boatos, alguns aterradores, novamente começaram a circular com certa insistência.

O que presentemente se está passando na capital do norte, com a intriga militar que se vem observando, faz recordar ao espírito público aqueles negregados momentos que precederam a não menos negregada proclamação, traço-irregularmente preparada por uma officialidade militar retrógrada, da célebre monarquia do Monte Pedral. A analogia histórica é uma flagráncia bem visível. Só os demasiadamente ingenuos é que não poderão avaliar o confronto. Então igualmente se falava em juntas militares a agirem misteriosamente por detrás da cortina. Então também se desmentia, para desvirtuar a atenção pública, a constituição das tais juntas.

Mas elas existiram, mas elas operaram, mas elas vieram a dar o conculcador golpe que nos atirou para a selva-jaria da traulitania no norte e para a tragédia de Monsanto, no sul.

Há ou não há *juntas militares* a conspirar activamente? Há ou não há divergências na 3.ª divisão? São as perguntas insistentes que se fazem a cada passo. Por um lado desmente-se, pelo outro confirma-se.

Pode o novo chefe da divisão andar pelos quartéis a "acentuar" que o movimento militar terminaria, triunfante; pode continuar a dizer que "nada justificava um crepitar surdo de agitação latente depois da constituição do governo, de que fazem parte os chefes supremos do movimento"; pode ainda pretender sossegar-nos com a afirmação de que é republicano e com a sua opinião de que tudo quanto se diz em relação às *juntas* ou *comitês* militares é fruto apenas duma *intrigância*, é apenas uma *história*. Mas também da outra vez era uma *história* e uma *intrigância*, e no entanto a covardia dos republicanos da tropa da 3.ª divisão permitiu, sem um único protesto, — excepto aquele gesto dos soldados do 31 — que a bandeira azul e branca se desfilasse de um momento para o outro.

Que o general Roberto Baptista continuou a frisar a "necessidade de o exército dar o exemplo da ordem e da disciplina" — o certo é que tal não sucede: as *juntas*, ou *comitês*, como lhe queiram chamar, *existem*. Di-lo a imprensa, a pesar de todos os desmentidos — e certa imprensa reconhecidamente monárquica, especuladora da situação, incita, ora velada, ora desassombradamente, a intensificação da obra reacçãoária que se forja, como anteriormente ao 19 de Janeiro, nesses mesmos *comitês* ou nessas mesmas *juntas*.

E por isso que esses officiais dos *comitês* repudiam a interferência do comandante Mendes Cabeçadas, a quem chamam "aeroplane", e repudiam-na por a reputarem nociva para a Revolução... monárquica...

Enfim, o desagradado militar é visível — até nas funções dos cargos *civis* da policia e do chefe civil-militar do distrito: as demissões prosseguem e o preenchimento das vagas dificulta-se.

Estranha-se também que os officiais da guarnição nos primeiros momentos da revolta militar de Braga estivessem metidos na concha e agora, depois do triunfo, estejam a deitar os *corinhos* ao sol com exigências... de retrocesso...

Não admira: é que os da cruzada Nun'Alvares mexem os seus cordelinhos. Reindidos para apreciarem a situação política... do "antipolítico" movimento militarista, resolveram sahir o exército por se dignar a intervir nos destinos da nação, e mais o sadrida se esses destinos se desviassem para o integralismo monárquico lusitano; deliberaram "acompanhar com toda a atenção os desenvolvimentos do movimento militar, não lhe negando o seu apoio se ele vier de facto a afirmar-se um grande movimento nacional"... o qual só pode vir a ser se as *juntas* em questão tiverem a habilidade e a força de cometerem a traição realista prevista...

Entendemos-nos? Pois muito cuidado e o operariado que se acatele do trambulhão, que será certo, se não *arranjar unhas para tocar guitarra*...

FESTAS ASSOCIATIVAS

Pessoal dos Hospitais

Por motivo da suspensão de garantias, ficou transferida, para dia ainda não determinado, a sessão solene comemorativa do 15.º aniversário da fundação da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Cívicos Portugueses, que se devia realizar amanhã.

SOLIDARIEDADE

Pró-José da Silva

Realiza-se amanhã, pelas 15 horas, no Salão do Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 122, uma grandiosa festa de solidariedade, promovida por uma comissão de amigos, em auxílio de José da Silva, que se encontra preso há 1 ano. O programa é o seguinte:

1.ª parte — Episódio social «Verdade triunfante», de Abel Pereira Duarte; «A Nova Aurora», de Henrique Branco; «Os Rurais», Cinismo, Crença e Revolta», de Alfredo Paiva. 2.ª parte — Episódio social «Passado, Presente e Futuro», de Abel P. Araújo; «A Legião Negra», de Adriano dos Reis; «Cégada sentimental «Aos deportados», de Henrique Lagiosa; «O crime dum padre», de João Infância. 3.ª parte — Concílio poético pelos seguintes cultores: Manuel Soares, Joaquim Lima, José Ribeiro, Carlos Ribeiro, Albino Alves, Armando J. Tavares, António Rocha Nunes, João Rodrigues, Francisco Santos, Rogério Pires, Ventura Barros, José Marques e outros.

Os acompanhamentos à guitarra serão feitos pelo guitarrista Eduardo Saravia e seu viola António Gonçalves.

O famoso escândalo do Banco Comercial do Porto

Continuam à solta e com a impunidade assegurada os famosos burlões que provocaram a sua falência

PORTO, 17.—Os «homens» do defraudadíssimo Banco Comercial do Porto ficaram, devido à última crónica sobre os burlões daquele estabelecimento em ruína, mais sorumbáticos ainda. Ah! aquela *Batalha*! Se lhe pudessemos amordaciar a voz!

Felizmente, não possuem a minima possibilidade de fazer calar a voz da justiça que tão necessário é que ela ecoe retumbante por todo o país. E como estamos na presença de um governo, saído duma insurreição militar, que aos quatro ventos afirma que vai moralizar tudo «isto» e castigar todos os ladrões civis e militares, quer sejam ilustrados como o Inocência, quer sejam analfabetos como o famoso «marquês da Aduela», ou seja Marques de Sá — não podemos deixar de dar mais alguns apontamentos para a história rocambolesca do falido Banco Comercial do Porto.

A propósito do analfabetismo do «marquês da Aduela», seja-nos permitido elucidar que aquele «fidalgo» se tem rido, ufanamente, por ter levado à «bebida», a «certa», os finórios, ludibriando os letrados, os que tem curso, os doutores — éle que não sabe ler... Realmente, por este lado, o Marques de Sá foi um grande herói, heroísmo que deve, no tribunal do ajuste de contas, ser levado à conta de uma excentricidade atenuante...

Dissemos na última crónica que o mestre Inocência Camacho, além de um prejuízo de 800 contos que deu ao desgraçado Banco Comercial do Porto numa célebre empreza ruinosa, ferrou um cão de 300 contos em letras que não podem ser protestadas por estarem fora da lei.

Assim, é desgraçadamente, esta história das letras é muito complicada. Há rolos e rolos dele que dormem eternamente o sono dos justos. Não de acabar por ir para o cesto dos papéis, que é arrumação mais limpa e radical... Pois éle não há letras, segundo o nosso *detective*, que, contra o especificado no regulamento do Banco, dá o máximo de prazo de um ano — só lá para as proximidades do ano de 1930 é que elas poderão ser vendidas? Aquilo era uma administração para a lancia... e o «sol quando nasce é para todos, excepto para aqueles que, andando a galinha-lo por terras de França e outras longitudes terrenas estranhas, caíram na petate de ir colocar o seu rico dinheirinho à ordem ou em promissórias de uma autêntica caverna de

Caco... aparelhada em aduelas do inesquecível Marques de Sá...

E já que voltamos a falar neste cavalheiro... de indústria bancária: éle, na histórica entrevista que concedeu, no seu sumptuoso palácio, ao nosso *detective*, acusou também um tal Joaquim Morais Junior, criatura que embuchou o Banco Comercial do Porto com uma pequena bolada de 1.600.000\$00 contos... O burlista marquês da Aduela, sabendo que Joaquim Morais estava em estado de falência e até, no tribunal, em questão com a firma Pinto & Soto Maior, avisou o Correia Faria, outro magnate do Banco, para que tivesse muita cautela com o velhaco. Mas, afinal, como aquilo tudo já não tinha concerto e estavam todos comprometidos na burla, para amigos mais róticos — e lá se foi consentindo que o Banco fosse saqueado em mais 1.600 contos! Perdido por cinco, perdido por dez, eis a filosofia popular...

No entanto, o Banco não perdeu tudo com aquele cliente. Do mal, o menos. E assim pensando, o Joaquim Morais Junior deu, muito generosamente, como garantia um armazém de Vila Nova de Gaia, o qual, tendo-lhe custado 90.000\$00, foi avaliado pela antiga direcção do infeliz Banco Comercial do Porto em 1.000 contos! E para melhor operação financeiro-comercial, esse mesmo armazém foi depois liquidado por... 100 contos!... 1.600 contos por 100 contos, não se pode dizer que é caro...

E foi assim, caros ingenuos, que se atirou com o Banco Comercial do Porto de pernas para o ar; e foi assim que multissíma gente da classe trabalhadora ficou roubada nos seus vinténs, ganhos lá fora com bastantes sacrificios e no «a ordem... de saque há muito dado pelas gerências do citado e malogrado Banco...

Todavia, os criminosos, os autênticos burlões, os genuínos gatunos da alta estirpe alfabética e analfabética, lá continuam a insultar as vítimas com as suas corridas de automóveis *chies* através a cidade — como se fossem as criaturas mais honradas deste mundo — mais honradas do que as porcas de Murga... E mais estamos num regime militar de moralização e de justiça... Que faria então se não estivessemos...

Mas o resto fica para outra carta. Temos tempo...

C. V. S.

A GREVE DOS MINEIROS INGLESES

A questão do dinheiro russo debatida no Parlamento

LONDRES, 18.—O envio de dinheiro russo aos grevistas britânicos foi ontem objecto de interessantes declarações na Câmara dos Lordes.

Respondendo a lord Newton, que considerava tal remessa como uma flagrante interferência nos assuntos internos ingleses, lord Balfour declarou que o governo russo é uma complexa instituição, muito dividida mas altamente organizada e centralizada, de forma a permitir todas as desculpas.

Lord Balfour afirmou: «A Rússia tem o absoluto direito de se governar conforme entender».

Proseguindo, fez notar que a Inglaterra é o país que mais tem sofrido com a organização soviética da Rússia, pois os bolchevistas a consideram o principal obstáculo à revolução mundial.

Lord Balfour exprimiu grandes dúvidas de que o dinheiro tenha sido contribuído pelos próprios operários, de salários multissimos inferiores aos dos seus camaradas britânicos, além de que não seria fácil reunir em tão pequeno espaço de tempo a soma de 400.000 libras, devendo o governo dos soviets ter contribuído com uma grande soma, no seu intuito de promover a revolução na Inglaterra.

Lord Balfour afirmou que se encontra convencido de que a grande maioria dos mineiros não tem intuíto revolucionário.

Em busca da solução

LONDRES, 18.—O governo apresenta na próxima segunda feira ao Parlamento as anunciadas propostas de lei relativas à indústria mineira. Uma diz apenas respeito ao dia de trabalho de oito horas, contendo um simples artigo, mas a segunda estabelece a reorganização da indústria, sendo extremamente complicada.

Uma manifestação de protesto

MOSCOU, 18.—Mais de trescentos mil operários sindicados realizaram uma manifestação de protesto contra a nota do governo britânico acerca das subscrições de auxílio aos mineiros ingleses que se encontram em greve.

Congresso abolicionista

Reuniu-se há dias a comissão organizadora deste congresso que terá lugar no próximo mês de agosto nos dias 1 a 3, tendo tomado em conta vários alvites. Resolveu enviar para a tipografia as seguintes teses já recebidas: «Idades legais da mulher», «Eugénica», «Abolição do registo policial das meretrices», «Moral única», «Pornografia» e uma memória do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Devem ser recebidas muito brevemente mais as seguintes: «Costumes dissolutos e a prostituição», «A coeducação como agente preventivo da prostituição», «A mulher é uma pessoa» e «Neo-regulamentarismo». A Federação Abolicionista Internacional, com sede em Genebra, prometeu fazer-se representar neste congresso por delegado especial. Todas as adesões devem ser enviadas à Liga Portuguesa Abolicionista, Praça dos Restauradores, 13, 2.º, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

DIAS PROXIMOS:

Sindicato U. da Construção Civil — Comissão Escolar.—A fim de serem inspecionadas para efeito de banhos, devem comparecer na próxima segunda feira, pelas 9 horas, todas as crianças que frequentam esta Escola.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Reúne extraordinariamente hoje, pelas 20,30 horas, o comité federal.

Salão da Construção Civil

Previnem-se todos os camaradas ou organismos que têm benefícios marcados para este Salão, que em virtude dos últimos acontecimentos ficam os mesmos transferidos para 8 dias depois, sendo válidos portanto os mesmos bilhetes.

OS QUE MORREM

Salvador Augusto Ribeiro

Promovida por uma comissão de camaradas metalúrgicos realiza-se no próximo domingo uma manifestação fúnebre de homenagem a Salvador Augusto Ribeiro, que foi operário metalúrgico da Companhia União Fabril, saindo da rua Gil Vicente, 24, pelas 14 horas, esperando essa comissão que todos os metalúrgicos compareçam nessa manifestação.

Um sudário de escândalos no Corpo dos Bombeiros

Decididamente, os indivíduos que, merced da autêntica burla das votações, se sentam nas cadeiras no Município, logo vêm ali a árvore das patacas.

Um destes, comerciante, — chorando o comerciante da nossa praça — necessitava tomar para *chauffeur* o filho de um seu empregado.

Nada mais fácil: entra como aprendiz para as oficinas do Corpo de Bombeiros, e... amigo José Pais e mestre Ferreira, cuja flexibilidade na espinha dorsal lhes permite remover todos os obstáculos, lá estão para consumir a pouca vergonha. Assim foi. O homem apontava-se na oficina e em seguida sala a receber ensino de *chauffeur*. Apto a exercer a sua nova profissão, como nada justificasse já a sua permanência na oficina, saiu, entrando ao serviço do tal vereador, — democrático, é claro. Hein? Page 26...

Mas não são só os vereadores que julgam encontrar-se em país conquistado.

A maneira decidida como os sobas José Pais e Alfredo Alberto Ferreira põem a disposição na corporação, chega a estabelecer no nosso espírito a dúvida sobre se realmente aquilo tudo é deles. Queixaram-se-nos uns operários que, enquanto uma proibição infame os privava de aquecer a comida na forja da oficina, caso inédito, pois que em todas as oficinas, incluindo as restantes do Corpo de Bombeiros onde não impera o sobado Pais-Ferreira, tão irrisória regalia é de todo indiscutível, estes energúmenos permittem-se dispor dos automóveis da Corporação para os levar a casa jantar, tendo chegado o abuso, ao cúmulo de transportar neles algumas vezes os seus filhos. E de notar que podiam, sem dispêndio, transitar nos carros eléctricos, pois que a Companhia lhes concede passagens gratuitas. Devido a conveniências de serviço transiava diariamente um automóvel da Avenida Wilson para a de Defensores de Chaves. Um operário que mora no Campo Grande e terminou a essa hora o serão, pediu ao soba Ferreira que o deixasse tomar lugar no referido automóvel, o que lhe diminuiu sensivelmente a caminhada.

Que não; os operários não podiam transitar nos automóveis. Efectivamente os carros, que a título de experiência, servem para regabófes, que às vezes se estendem a Queluz e Sintra, não podem simultaneamente aplicar-se em transportar operários exaustos por um período de 12 horas de trabalho urgente e exaustante; perigava com isso a dignidade democrática!

Enquanto a uns operários se moviam as mais infamantes perseguições, por razões entre as quais sobressai a de não serem simples curiosos, como sucede a qualquer dos sobas, o que frequentemente os colocava em desastrosa situação, a um outro, merced da sua notável vocação para correio, eram dispensadas todas as facilidades, dando-se-lhe licença, que de sociedade com o soba Ferreira, utilizava em trabalhos particulares; às vezes sucedia extinguir-se o praso da licença antes de terminados os trabalhos, problema que o soba Ferreira resolvia simulando acreditar uma parte de doença que o seu socio lhe apresentava, caso que aliás revestia toda a severidade quando tocava pelos restantes operários.

E são estas criaturas que noutro tempo incitavam a todas as revoltas, tendo marcado sempre na Corporação como figuras rebeldes e insubmissas! Dos incidentes que têm perturbado o Corpo de Bombeiros, nos que não foram provocados por eles figuravam sempre os seus nomes como propugnadores de liberdades que, afinal, queriam... para si.

No tempo em que era encarregado da oficina José Francisco Serra, artista de verdadeiro mérito, o soba Ferreira, que lhe apetecia o lugar, tais intrigas e deslealdades lhe moveu que o colocou em situação desvantajosa. E quando julgou suficientemente preparado o ambiente de suborno, passou-lhe uma vil rasteira, incitando um desgraçado a envolver-se com ele em desordem de que resultou uma sindicância, a qual, embora nada apurasse, protelou-se indefinidamente, estando presentemente o caso afecto aos tribunais.

Os cálculos do soba Ferreira não falharam. De um salto tomou-lhe o lugar, que aliás não tem competência para desempenhar, como sobejamente tem provado os prejuízos resultantes da sua falta de conhecimentos. — W.

A raposa e as uvas

MADRID, 18.—O ministro dos Negócios Estrangeiros declarou num banquete que a Espanha se não interessa pela sua reeleição para o conselho executivo da Sociedade das Nações, excepto para logar permanente. O ministro acrescentou que os delegados espanhóis não irão a Genebra em Setembro a não ser que definitivamente lhe seja prometido submeter a questão à assembleia geral da Sociedade. (—L.)

ASSIMEM Os mistérios do Povo